

ONDE ESTÁ GILKA MACHADO?

Cláudia Mentz Martins (FURG)

Este texto apresenta uma pequena parcela do projeto de pesquisa intitulada “Revisão da poesia brasileira da primeira metade do século XX, sob as teorias do Imaginário”, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no qual nos propomos a analisar obras exemplares de alguns poetas brasileiros como, por exemplo, *Estados d'alma*, de Gilka Machado; *Toda a América*, de Ronald de Carvalho; *Poemas*, de Joaquim Cardozo, a partir de teorias do Imaginário, sobretudo naquela estabelecida por Gilbert Durand. No projeto, buscamos também realizar um diálogo entre elas e as obras poéticas mais conhecidas do período e, sob esse viés, intencionamos determinar os recursos imagéticos recorrentes na tradição lírica em pauta e a importância dessas imagens no estabelecimento do cânone nacional. Um dos momentos da pesquisa consiste em fazermos o levantamento, nas histórias da literatura brasileira e em materiais similares, dos comentários, das críticas, das análises que os poetas de nosso *corpus* recebem em tais produções. Parte dessas informações a cerca de Gilka Machado será discorrida abaixo, com o objetivo de tecermos reflexões sobre a sua (não) presença no cânone até então estabelecido.

Como Gilka da Costa Melo Machado não figura entre as poetas mais conhecidas de nossa literatura, como Cecília Meireles e Adélia Prado, é interessante lembrarmos quem ela foi, termos uma idéia ainda que rápida de sua obra, para então tentarmos não apenas responder a questão de nosso título, mas sobretudo elucubrarmos a respeito da indagação ali proposta. Gilka Machado nasceu no dia 12/3/1893, no Rio de Janeiro/RJ e faleceu em 11/12/1980, na mesma cidade. Começou a escrever versos já nos trabalhos escolares e, aos 13 anos de idade, venceu o concurso do jornal *A Imprensa*. Ganhou o 1º, 2º, 3º lugares: um com seu nome e os outros sob pseudônimos. Em 1915, publicou seu primeiro livro intitulado *Cristais partidos*. Em 1927 foi colaboradora com poemas e crônicas da revista *Festa*. Em 1932, teve vários poemas traduzidos, dos quatro livros então publicados. Em 1933, a revista *O Malho* lançou um concurso para eleger a ‘maior poetisa’ do Brasil. Duzentos intelectuais votaram (com voto nominal) e Gilka venceu com ampla maioria. Viajou pelo interior do Brasil e pelo exterior. Em 1977, declinou do convite de Jorge Amado – apoiado por outros acadêmicos – de concorrer a uma das

cadeiras vagas da Academia Brasileira de Letras, quando houve mudança em seu estatuto que proibia o ingresso de mulheres¹, e recebeu dessa instituição, em 1979, o Prêmio Machado de Assis pela publicação do volume *Poesias completas*.

Para termos uma idéia mínima de sua produção, segue um dos poemas pertencentes a “O Grande Amor”, integrante do livro *Meu glorioso pecado*, publicado em 1928:

Beijas-me tanto, de uma tal maneira,
boca do meu Amor, linda assassina,
que não sei definir, por mais que o queira,
teu beijo que entontece e que alucina!

Busco senti-lo, de alma e corpo, inteira,
e todo o senso aos lábios meus se inclina:
morre-me a boca, presa da tonteira
do teu carinho feito de morfina.

Beijas-me e de mim mesma vou fugindo,
e de ti mesma sofro a imensa falta,
no vasto vôo de um delíquio infindo...

Beijas-me e todo o corpo meu gorjeia,
e toda me suponho uma árvore alta,
cantando aos céus, de passarinhos cheia...

No poema, é visível a sensualidade expressa pelo eu lírico quando fala das sensações despertadas pelos beijos do ser amado: a alucinação, a tonteira, o desfalecimento, o prazer. Percebemos que não há pudores em seus sentimentos, nem culpas pelo vivenciar dessas emoções. Tais características, tendo em vista a época de sua escritura, ajudamos a compreender alguns comentários que se seguirão sobre a poeta.

Conforme explicitado anteriormente, iniciaremos nossa proposta de verificar se Gilka Machado figura nas principais histórias da literatura brasileira e qual o tratamento que sua produção recebe². A fim de estabelecermos critérios para a explanação que

¹ A título de curiosidade, segue a carta de Jorge Amado, endereçado a autora: “Cara amiga Gilka Machado: Ao tomar conhecimento da vaga aberta nos quadros da Academia Brasileira de Letras com a morte do ilustre crítico Candido Motta Filho, a primeira após a modificação do regimento permitindo a eleição de mulheres na Casa de Machado de Assis, pensei imediatamente em se nome. Creio que entre as escritoras brasileiras, nenhuma merece tanto quanto a cara amiga, pertencer ao quadros da Academia, devido à importância de sua obra poética, uma das mais belas da língua portuguesa. ... Caso venha a se candidatar, saiba que tem o meu voto, nos quatro escrutínios.” (MACHADO, 1991: 8). Cabe recordar que, em 04 de novembro de 1977, Raquel de Queiroz foi eleita para a cadeira 5 da Academia Brasileira de Letras, tornou-se a primeira mulher a ingressar nesse espaço.

² Aproveitamos o ensejo para de antemão explicar que esse levantamento ainda se encontra em fase de pesquisa e que por isso pode-se notar a ausência de algumas obras da história da literatura brasileira.

segue, optamos por mencionar, num primeiro momento, uma obra que não menciona a poeta em estudo, e após aquelas em que existe alguma menção a seu nome. Em ambos os casos, será observada a data de publicação da primeira edição do livro.

Considerado um dos principais críticos da literatura brasileira, Afrânio Coutinho, em sua *Introdução à Literatura Brasileira* (1959), realiza um trabalho minucioso a respeito das mais significativas escolas literárias e suas vertentes. Ao elencar as principais correntes surgidas após a Semana, enumera os intelectuais que, segundo sua perspectiva, foram mais representativos. Dentro desse rol, menciona os ‘espiritualistas’ pertencentes à revista *Festa*. Ele resume as características da revista, indica vários escritores que dela participaram, mencionando inclusive alguns representantes na Bahia, mas omite o nome de Gilka:

Espiritualistas: do Rio de Janeiro, em torno da revista *Festa*, com Tasso da Silveira, Andrade Murici, Murilo Araújo, Barreo Filho, Adelino Magalhães, Brasília Itiberê e, depois, Francisco Karam, Cecília Meireles, Murilo Mendes, herdeiros do espiritualismo simbolista, ligados ao crítico Nestor Vitor, muito simpático ao grupo e suas idéias, denominadas por Carlos Chiacchio, na Bahia, de “tradicionalismo dinâmico” por oposição ao objetivismo dinâmico” de Graça Aranha. Defendiam a tradição e o mistério, conciliavam o passado e o futuro. (COUTINHO, 1976: 271)

Homem influente no mundo das letras, Antonio Soares Amora, em *História da Literatura Brasileira* (1954), no capítulo dedicado ao Simbolismo, ao introduzir o assunto, caracteriza a poesia simbolista e discorre sobre sua estética, elencando vários poetas. Entre aqueles que se filiaram ao ‘simbolismo comedido’ – isto é, não chegaram “aos extremos revolucionários da nova estética” (AMORA, 1974: 168) nem sob o ponto de vista da temática ou da forma – e que, por isso, aceitaram do Simbolismo o espiritualismo, o intimismo e o nacionalismo, por volta de 1917, e que depois de 1922 tiveram posição significativa dentro da literatura, cita os nomes de Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia Mario de Andrade, Gilka Machado entre outros. Amora não adentra em detalhes sobre a produção desses escritores e/poetas, nem tece quais outras considerações sobre eles.

Em *História concisa da literatura brasileira* (1970), texto amplamente consultado pelos estudantes de Letras, Alfredo Bosi faz duas referências ao nome de Gilka Machado. Localizamos a primeira delas na seção “Neoparnasianos”, no capítulo

“Realismo”. Quando Bosi (1994: 235) afirma que “a poesia neoparnasiana traduz [...] a persistência de uma concepção estética obsoleta, que o Simbolismo europeu já ultrapassara, abrindo caminho para as grandes correntes poéticas do novo século: futurismo, surrealismo, expressionismo...”, assinala para o fato de que o estudo isolado dos melhores poetas amenizaria tais comentários negativos. Na seqüência, realiza uma nota de rodapé onde elenca uma série de poetas, entre eles Gilka Machado, sem tecer sobre ela (ou sobre os outros) qualquer consideração. Além disso, deixa evidente que não atualizou, na nova edição do livro, os dados da poeta, pois não há indicação de seu ano de falecimento – uma vez que, na primeira edição de *História concisa*, ela ainda estava viva. Já a segunda menção à Gilka Machado aparece na seção “Desdobramentos: da Semana ao Modernismo”. Aqui Bosi, ao falar dos manifestos literários e das revistas que surgiram pós 1922, refere-se à *Festa*, arrolando alguns nomes que participaram de seus números:

À parte, hesitantes entre novas liberdades formais e a tradição simbolista, agrupam-se os “espiritualistas” da Festa (1927), com Tasso da Silveira, Murilo Araújo, Barreto Filho, Adelino Magalhães, Gilka Machado e, numa segunda fase, Cecília Meireles e Murilo Mendes, que lograriam dar uma feição inequivocamente moderna a suas tendências religiosas. (BOSI, 1994: 343)

Novamente, o nome da poeta é apenas arrolado em meio a outros, sem que qualquer explanação sobre ela ou sua obra ocorram. Ou seja, Alfredo Bosi não ignora sua existência, mas também não explica as razões pelas quais valem as citações de seu nome.

Adentrando em uma história da literatura mais extensa do que as anteriores, nos deteremos naquela escrita por Massaud Moisés. No volume dedicado ao Simbolismo (1984), encontramos algumas páginas sobre a obra de Gilka Machado. Na parte que intitula “Belle époque (1902-1922), que segundo ele congrega os períodos rotulados ora como ‘nacionalista’ ou ‘ecclético’ ou ‘pré-modernista’, ora de ‘sincrético’ (ou ‘sincretista’) ou de ‘transição’, ora de ‘transição e sincretismo’, ora de *art nouveau* dedica-se a analisar a poeta de nosso estudo. Ao contrário do que ocorre com Augusto dos Anjos ou Raul de Leoni, a ela não cabe uma subseção específica, mas há a preocupação de comentar seus poemas. É dito que “estreou ruidosamente com *Cristais partidos* (1915), atraindo sobre si uma atenção que perduraria alguns anos, até cair no

esquecimento, imerecidamente” (MOISÉS, 2001: 255). Após enumerar os livros que a poeta publicou, tece alguns comentários sobre sua importância no cenário nacional:

Gilka Machado ficou, e ficará, como exemplo, isolado em seu tempo, de corajosa transgressão das expectativas sociais com respeito à mulher. Feminista *avant la lettre*, rebelde, “selvagem”, seu grito de liberdade exhibe todas as características do pioneirismo, tanto mais digno de nota quanto mais se ergueu, e permaneceu longamente sonoro, num período em que rígidos preconceitos dominavam o convívio social. (MOISÉS, 2001: 255)

Sobre as características presentes em suas obras, Moisés salienta em especial o sensualismo: “um sensualismo escaldante, desabrido, sem fronteiras, a traduzir uma rica individualidade de mulher e poetisa. Um sensualismo de trovadoresa a exprimir em cantigas de amigo seu amor sem disfarces ou convenções. Um sensualismo felino, animal [...]” (MOISÉS, 2001: 255). Ele também chama a atenção para a presença do ‘amor maldito’ ao longo de seus poemas, o qual surge como aquele amor que faz o eu lírico consumir-se em chamas deixando um sentimento de arrependimento e saudade. O jogo barroquizante formado por dualidades Bem x Mal, prazer x tédio, amor x ódio igualmente são detectados na produção da poeta.

Para Moisés, na poesia de Gilka, o sentimento amoroso em feminino é sintoma da modernidade dos seus versos:

Resultante, sem dúvida, do clima da época, essa tendência, patente na análise do sentimento amoroso feminino, é outro sintoma da modernidade da poesia de Gilka Machado. Nessa mesma ordem de idéias se coloca o problema da sinceridade: a fraqueza rude da poetisa, que tantos desgostos lhe causou, correspondia a vivências reais ou imaginárias? Na verdade, é questão ociosa: à semelhança dos poetas do *Orpheu*, a autora de *Mulher Nua* praticava a sinceridade fingida ou o fingimento sincero, fingindo “que é dor/ A dor que de veras sente”, como dizia Fernando Pessoa. (MOISÉS, 2001: 257)

É visível que para Massaud Moisés os poemas de Gilka Machado apresentam grande qualidade literária, e não se restringem às características do fazer poético de sua época. Entretanto, para além disso, sua importância ultrapassa a fronteira do literário e adentra no da cultura nacional. Com sua poesia ousada, seu pioneirismo, afronta às normas da sociedade vigente e questiona, mesmo que indiretamente, o papel da mulher.

Pouco mais de uma década adiante, em 1999, José Alderaldo Castello publicou *A literatura brasileira: origens e unidade (1500 -1960)*. No volume II, na Parte III – “O 3º Período ou período nacional – II – o século XX: o modernismo como reformulação”, trata do Simbolismo, chamando atenção para os nomes dos intelectuais que fizeram a passagem do século XIX para o XX, e enumera aqueles que estrearam suas produção já no XX, como Pereira da Silva, Hermes Fontes, Alceu Wamosy e Eduardo Guimaraens. Discorre depois sobre escritores que penderam mais para o Modernismo, citando, neste segundo grupo, Gilka Machado ao lado de Afonso Schmidt, Onestaldo de Penaforte e Atílio Milano. Castello faz questão de ressaltar que o enquadramento acima é relativo, pois, no caso do Parnasianismo, salienta que nem todos os seus seguidores eram fiéis às normas da escola, o que não significa que foram simbolistas (CASTELLO, 2004: 22). É pois ao dissertar sobre a heterogeneidade do período, especificamente, quando indica a existência de pequenas particularidades dentro do Parnasianismo, ou seja, haver poetas que exprimem ‘atitudes realistas’, enquanto outros possuem uma linguagem mais musical ou uma poesia social, que cita Gilka Machado, aproximando-a da última característica arrolada.

Neste mesmo capítulo, mas na seção designada ao estudo do grupo que se formou em volta da revista *Festa*, Castello a coloca ao lado de Adelino Magalhães, Francisco Karam e Abgar Renault enquanto colaboradores do periódico. Também expressa que esses poetas devem ser vistos: “‘Herdeiros do Simbolismo’, e não como neo-simbolistas devem ser considerados os ‘novos’ que fizeram *Festa*.” (CASTELLO, 2004: 24).

A exemplo de Alfredo Bosi, Castello faz três menções à Gilka Machado, mas em nenhuma delas se detém em sua produção, cita ou analisa alguma obra dela. Seu nome aparece em meio a outros que pouco ou nenhum significado tem aos leitores, fazendo com que o dela, por extensão, se iguale ao deles.

Em *Uma história da poesia brasileira* (1997), Alexei Bueno enumera, comenta e analisa poetas que pertencem ao cânone brasileiro. Alguns merecem maior consideração de sua parte, como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, e outros nem tanto. Em “Às vésperas da ruptura”, aludindo ao Modernismo, encontramos referência a vários poetas, tais como Ademar Tavares, Olegário Mariano Felipe d’Oliveira, os quais determina produzirem seus poemas nessa fase de pré-ruptura. É, durante estas considerações, que localizamos um parágrafo sobre a poeta em estudo:

A carioca Gilka Machado (1893-1890) [sic] teve, com Hermes Fontes, uma estréia retumbante com *Cristais partidos*, em 1915, confirmada por *Estados de alma*, 1917, ano da estréia de Manuel Bandeira. O lado confessional da poetisa em sua situação de mulher, seu feminismo evidente, o erotismo claro e difuso de muitos de seus poemas, uma espécie de quase pan-erotismo, causaram grande impacto e até certo escândalo na época, o que manteve sempre acesa a lembrança de seu nome, apesar de um crescente recolhimento até sua morte. A parte mais válida de sua poesia é, sem dúvida, a que se encontra nos seus dois primeiros livros acima mencionados, de grande qualidade lírica. (BUENO, 1997: 267)

Conforme podemos observar, sua explanação sobre Gilka Machado assemelha-se a um verbete. Porém, em comparação a outras histórias da literatura, temos, pelo menos, o levantamento de algumas características de sua produção e um julgamento de valor de seus livros por parte do autor.

Para além das histórias da literatura, acreditamos ser interessante mencionar que o nome de Gilka Machado aparece como verbete em dois outros livros significativos da literatura brasileira. Na *Enciclopédia de Literatura Brasileira – volume II* (1990) sob a direção de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa e no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002), de Nelly Novaes Coelho.

No primeiro, *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, à poeta é dado um pequeníssimo espaço, sendo que o seu nome aparece grifado erroneamente: “Gilca”. Esse verbete detém-se quase que exclusivamente em dados biográficos, informa sobre a ‘existência difícil’ de Gilka, pois viúva teve dificuldade em alimentar os filhos, lembrando ao leitor que foi mãe da bailarina Eros Velúcia. Sobre sua poesia é dito que

impôs ao Simbolismo, já decadente no Brasil, um novo vigor com sua poes. forte e erótica. Falando livremente de seus sentimentos, numa época de moral tacanha, a sua poesia causou impacto, mais à sociedade preconceituosa do que aos críticos acadêmicos.” (COUTINHO; GALANTE, 2001: 988).

Como novidade, o verbete traz uma rápida declaração de Gilka na qual recorda a recepção negativa que seus primeiros poemas tiveram quando venceu um concurso literário aos trezes anos de idade: “Estreei nas letras vencendo um concurso literário num jornal, *A Imprensa*, dirigido por José do Patrocínio Filho. Logo depois um crítico famoso escrevia que aqueles poemas deveriam ter sido elaborados por uma matrona

imoral” (COUTINHO; GALANTE, 2001: 988). A finalização desse texto se dá com a citação das obras publicadas pela poeta.

Por sua vez, em *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, o verbete 484 – Gilka Machado inicia do seguinte modo: “Foi uma das primeiras vozes femininas do Brasil, a romper as barreiras do decoro público e exaltar o amor sensual erótico.” Sua produção é localizada dentro do período do sincretismo, isto é, quando se dá a convergência de diretrizes parnasianas e simbolistas:

Vivendo em um período de aparente estagnação criadora, durante a qual germinaram as sementes do Modernismo, Gilka Machado sofre o influxo formalista do parnasianismo [...] e é também tocada não só pela espiritualidade dos simbolistas, como também pelo decadentismo dannunziano e sua exaltação da sensibilidade peculiar do poeta. Uma sensibilidade “fin de siècle”, exacerbada pela descoberta de uma região do espírito (ou do inconsciente) até então inexplorada e que a palavra poética revela. (COELHO, 2002: 228)

Vemos que a explanação acima acerca das características da obra da poeta, igualmente se preocupa em explicar ainda que em poucas palavras o contexto cultural em que ela produziu seus versos. Todavia, Coelho não se restringe a comentários sobre a poesia de Gilka e, a exemplo de Massaud Moisés, em 1984, aponta para a importância social que seus poemas tiveram ao falarem de emoções e sentimentos que transgrediam o comportamento considerado aceitável ou correto exigido às mulheres da época; isso quando mesmo na Europa ou nos Estados Unidos ainda era titubeante a revolução feminista:

Desafiando os preconceitos, Gilka Machado ousa expressar, em poesia, a paixão dos sentidos, a volúpia do amor carnal e o dramático choque entre o corpo e a alma. Choque provocado pelo Cristianismo, ao lançar o anátema ao prazer sexual, a fruição da carne [...] Gilka Machado obviamente chocou a sociedade do tempo com seu ousado desvendar de paixões ou sensações proibidas à mulher.” (COELHO, 2002: 228)

O verbete do *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* traz uma informação equivocada a respeito da conferência literária “A revelação dos perfumes”, pois erroneamente a aponta como acontecida em 1916, e publicada apenas em 1932. Cabemos corrigir que a conferência ocorreu em 1914, e que sua primeira publicação, pela *Revista dos Tribunaes*, foi em 1916. Ressalta-se, sem explicar o porquê, que essa conferência provocou grande interesse.

O texto finaliza com alguns comentários elogiosos dirigidos à produção de Gilka Machado, e com a menção às suas obras e respectivas datas de publicação, destacando *Sonetos y poemas*, 1932, realizada na Bolívia com a tradução para o espanhol de seus poemas.

Concluído os comentários sobre o levantamento até agora realizado, nas histórias da literatura brasileira e em outras obras semelhantes a elas, percebemos ser oscilante a importância que Gilka Machado recebe da crítica especializada. Se, por vezes, há a preocupação de detalhar o papel inovador e ousado que desempenhou nas letras nacionais – e também na cultura, enquanto questionadora dos comportamentos exigidos às mulheres –, por outras, seu nome passa despercebido em meio a um rol de (quase) desconhecidos. Isso sem fazermos referência à sua ausência quando se menciona a época de sua produção, enquanto intelectuais já desaparecidos do meio acadêmico seguem sendo citados. Além disso, é bastante perceptível que sua produção caracterizada ora como mais parnasiana, ora como mais simbolista, ora como representante do sincretismo dessas duas escolas, tem, ao mesmo tempo, peculiaridades que fogem delas, o que talvez nos ajude a explicar o porquê de seu nome estar sumindo do meio acadêmico, dos estudos e da crítica por ele praticados.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antonio Soares. *História da literatura brasileira*. 8.ed. ref. e amp. São Paulo: Saraiva, 1974.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 33.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G.Ermakoff, 2007.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EDUSP, 2004. v.II.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.

COUTINHO, Afranio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

___; SOUSA, J. Galante (Dir). *Enciclopédia da literatura brasileira*. São Paulo: Global; [Rio de Janeiro]: Fundação Biblioteca Nacional, 2001. v.II .

MACHADO, Gilka. *Poesias completas*. Nova edição. Rio de Janeiro: Léo Christiano/FUNARJ, 1991.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 2001. 2.v.